http://journal.unoeste.br/index.php/cs/index
DOI: 10.5747/cs.2019.v3.n4.s082
ISSN on-line 2526-7035

Colloquium Socialis

Submetido: 13/06/2019 Revisado: 16/09/2019 Aceito: 16/11/2019

IMPACTOS DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS NO TELEJORNALISMO REGIONAL: A EXPERIÊNCIA DA TV FRONTEIRA ANALÓGICA

Matheus Honório da Silva, Thaisa Sallum Bacco, Clara Dias Nascimento, Ingrid Ferreira Tomimitsu, Letícia Vieira de Araújo Prieto, Pamela Liberato Wruck Teodoro, Thaís Aparecida dos Santos da Silva

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Faculdade de Comunicação, Presidente Prudente, SP. E-mail: thaisa@unoeste.br

RESUMO
A presente pesquisa teve como objetivo identificar e analisar as práticas do telejornalismo regional na produção de conteúdo durante a vigência do sistema analógico da TV Fronteira (1994 a 1997). A proposta contributiva foi preservar a memória histórica da televisão em Presidente Prudente. Como metodologia, foi usada a pesquisa qualitativa e como método foi empregado o estudo de caso. Em relação aos instrumentos de coleta de dados, foram adotadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa e análise documental e entrevista em profundidade semiaberta. Os dados coletados foram triangulados e, assim, foi possível identificar, analisar e traçar um panorama sobre as práticas de produção, reportagem, cinegrafia e edição do telejornalismo regional na produção de conteúdo analógico.
Palavras-chave: Telejornalismo; Telejornalismo regional; TV Fronteira; TV analógica.

THE IMPACTS OF THE TECHNOLOGICAL ADVANCES IN THE REGIONAL TELEJOURNALISM: TV FRONTEIRA ANALOGICAL THE EXPERIENCE

ABSTRACT
This research had as the main goal to identify and analyze the practices of the audiovisual language of TV Fronteira's regional telejournalism, during the analogical system from 1994 to 1997. The contribution proposal was the preservation of historical televiosio memory of Presidente Prudente. As metodology, it was used the qualitative research of the exploratory type and the method chosen was the case study. To make the data collection, some techniques were adopted as: bibliographic research, research and document review and in-depth interviews. The collected data were triangulated and, then, it was possible to identify, analyze and trace an overview about the production, filming, reporting and edition of the regional telejournalism content production during the analogical period.
Key words: telejournalism; regional telejournalism; TV Fronteira; analogical TV.

INTRODUÇÃO

O telejornalismo exige trabalho coletivo, pois seu processo de produção é operacionalizado em várias etapas. Jornalistas se unem a técnicos para transformar os acontecimentos do dia em produtos audiovisuais a serem apresentados para a população. Em todo o processo, existe a utilização de uma série de equipamentos que, ao longo dos anos, foram modernizados.

Por ser tão dependente dos equipamentos, na medida em que a tecnologia vai modificando as máquinas, as rotinas de trabalho vão sendo transformadas e o telejornalismo vai adquirindo novas características, ou seja, a constante modernização dos equipamentos tem influenciado o fazer jornalístico. Exemplo dessas transformações tecnológicas são os telejornais

regionais construídos pela cultura e identidade de sua população.

A principal característica do telejornalismo regional é a transmissão de notícias de uma realidade próxima aos seus telespectadores, já que "[...] possuem hoje grande destaque no cenário televisivo nacional, tanto pela sua importância mercadológica como pelo direcionamento editorial adotado por grande parte das emissoras, em sua maioria, afiliadas de grandes redes nacionais." (SILVA, 2005, p. 1)

O telejornalismo regional teve três fases distintas durante seu desenvolvimento histórico. A primeira fase teve como marco a inauguração da TV no Brasil que, até meados dos anos de 1970, caracterizava-se "[...] por uma restrição tecnológica que obrigou os telejornais a abordarem temáticas locais, pois inexistia a difusão das imagens a longas distâncias. Este período findou-se com o advento do videoteipe e das transmissões via satélite." (SILVA, 2005, p. 1)

O segundo momento é caracterizado pelo estabelecimento de pequenas estações de diversos locais do Brasil, formando assim as redes nacionais. As produções regionais foram dando espaço aos programas elaborados nos grandes centros urbanos, passando a ter uma participação irrisória nos canais existentes. (SILVA, 2005)

Entretanto, em meados da década de 90, o telejornalismo regional volta a conquistar seu lugar nos telejornais e a ser mais valorizado por todas as emissoras, com destaque para a Rede Globo. "[...] seu modelo de jornalismo comunitário é implantado em todas as suas estações afiliadas, permitindo assim a aproximação com sua audiência, devido à cobertura de temáticas regionais, situação esta que também permitiu o incremento das verbas oriundas da comercialização dos espaços para publicidade." (SILVA, 2005, p. 2)

A TV Fronteira, objeto de estudo desta pesquisa, é um exemplo de emissora regional que passou pelo sistema de produção da notícia no sistema analógico. Com sede em Presidente Prudente, interior de São Paulo, a emissora transmite atualmente sua programação local para 56 municípios do Oeste do Estado, distribuindo seu sinal para mais de 897 mil telespectadores. Além disso, a TV Fronteira possui uma sucursal na cidade de Dracena. A emissora surgiu em 1994, como propriedade do então deputado federal Paulo César de Oliveira Lima. A negociação entre Rede Globo e o deputado durou nove meses. (TV FRONTEIRA, 2017)

Inicialmente, a captação de imagens e a edição de matérias jornalísticas da TV Fronteira eram feitas a partir do equipamento conhecido por U-Matic, que é um formato de fita de vídeo analógico de gravação. Depois, esses equipamentos foram substituídos pelo sistema Beta, sendo a principal diferença do sistema anterior a qualidade de som e imagem. (ZUCHINI *et al*., 2003)

A equipe de externa na TV Fronteira analógica era composta por quatro profissionais, que exerciam cinco funções: repórter, cinegrafista, operador de VT e iluminador, que acumulava a função de motorista.

Por ser uma emissora regional, a TV Fronteira fez coberturas no Oeste Paulista que tiveram repercussão nacional, como os conflitos agrários entre os membros do Movimento Sem Terra (MST) e os proprietários da fazenda São Domingos localizada em Sandovalina (SP), em 1997, quando sete sem-terra foram baleados, e o enchimento do lago da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta no distrito de Primavera (SP), em 1995, que causou impacto ambiental deslocando famílias ribeirinhas e resgate animais selvagens.

A TV Fronteira Paulista foi a primeira emissora digital do Brasil em 1997. Os primeiros equipamentos digitais da emissora foram as câmeras de estúdio (Sony DXC – D30) e externas, mesas de edição interativa (Sony BVS 3200) e um complexo de armazenamento de dados. No dia 8 de dezembro de 1997, foi inaugurada a atual sede da TV Fronteira com 1.200 m2, localizada na Avenida 14 de setembro, nº 2.396, na Vila Cláudia Glória, em frente ao Parque do Povo em Presidente Prudente (SP). Até o ano da inauguração da atual sede, a TV Fronteira atingia 52 municípios e uma população de mais de 841 mil pessoas. (TV FRONTEIRA, 2017)

Aos 25 anos de existência, a TV Fronteira configura-se como uma emissora-chave para o entendimento do processo de produção da notícia televisiva. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo geral identificar e analisar as práticas do telejornalismo regional na produção de conteúdo durante a vigência do sistema analógico da TV Fronteira entre 1994 a 1997. As observações estiveram focadas neste processo de transição e nas modificações causadas na rotina de trabalho do jornalista. É necessário recuperar a memória do telejornalismo regional analógico

para compreender as transformações provocadas pelos avanços tecnológicos na produção da notícia.

MÉTODOS

A natureza da pesquisa utilizada neste artigo foi qualitativa, por ter um caráter que mais se adequou à proposta estudada, já que esta forma de pesquisa defende que a relação entre o mundo e o sujeito não pode ser traduzida em números. “A preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2004, p. 14)

De acordo com Mascarenhas (2012), utiliza-se a pesquisa qualitativa quando se quer descrever o objeto de estudo com mais profundidade. “[...] ela é muito comum em estudos sobre o comportamento de um indivíduo ou de um grupo social.” (MASCARENHAS, 2012, p. 46)

A pesquisa qualitativa foi escolhida pelo fato de as informações necessárias encontravam-se nas memórias das personagens que viveram no período do sistema analógico de produção da TV Fronteira.

A pesquisa bibliográfica foi o processo inicial que norteou o estudo em termos teóricos. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para compreender o objeto de estudo, foi necessário recorrer à literatura atual sobre televisão e telejornalismo regional.

Como método, foi utilizado o estudo de caso, que permitiu aos pesquisadores conhecerem a TV Fronteira de forma aprofundada. Este método é usado como um conjunto de ferramentas para levantamento e análise de informações. Segundo Yin (2001, p. 27), o estudo de caso reside em “[...] sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos e entrevistas”.

Este método foi escolhido pela capacidade de se trabalhar com informações que estão documentadas em papéis, fotos, vídeos, áudios e outras formas de registros. Mascarenhas (2012, p. 50) determina-o como uma forma de “[...] refletir sobre um conjunto de dados para descrever com profundidade o objeto de estudo [...]”. De tal modo como elucidado pelos autores acima, o estudo de caso é a ação de aprofundar-se em um tema específico. Deste ponto de vista, é relevante mencionar que, neste estudo, o método auxiliou na escolha dos profissionais que trabalharam na TV Fronteira analógica. Vale destacar que a investigação, por ter o envolvimento de sujeitos pesquisados, só foi desenvolvida após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), mediante protocolo CAAE número 00460918.8.0000.5515.

A partir da escolha da natureza e do método fez-se necessário a seleção de instrumentos de coleta de dados. Os pesquisadores usaram a entrevista em profundidade e pesquisa e análise documental. Segundo Duarte (2009, p. 62), a entrevista em profundidade “[...] é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.”

O autor ainda ressalta que a entrevista em profundidade se classifica em: aberta, semiaberta e fechada. O trabalho adotou a entrevista semiaberta, que “[...] tem origem em uma matriz, um roteiro de questões guias que dão cobertura ao interesse de pesquisa”. (DUARTE, 2009, p. 66)

A entrevista semiaberta tem um roteiro possível de ser alterado no decorrer da entrevista, sendo adaptável, a fim de desenvolver o tema. Foram feitas entrevistas em profundidade com 17 profissionais do telejornalismo e operadores técnicos, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, conforme orientações do CEP. O critério de seleção foi a busca por profissionais que trabalharam na TV Fronteira durante o período do sistema analógico de produção.

Para complementar o conteúdo das entrevistas, foi necessária a pesquisa e análise documental, a técnica de identificar, verificar e apreciar documentos para se chegar a um propósito e acompanhar a evolução da emissora TV Fronteira no período de 1994 a 1997. A análise documental permite a localização, identificação, organização e avaliação das informações contidas no documento e dos fatos registrados nos mesmos. (MOREIRA, 2009)

Durante a investigação, foi feita a análise das fitas U-Matic e equipamentos analógicos doados para o estudo. O conteúdo jornalístico

presente nas fitas possibilitou que fossem identificadas as práticas jornalísticas durante o período estudado.

Depois de coletados os dados, aplicou-se a técnica de triangulação para a análise, que é o cruzamento de dados para a obtenção de uma interpretação do fato ocorrido. De acordo com Yin (2001, p. 120), triangulação é a base lógica para se utilizar várias fontes de evidências:

> [...] um ponto forte muito importante da coleta de dados para um estudo de caso é a oportunidade de utilizar muitas fontes diferentes para a obtenção de evidências. Além disso, a necessidade de utilizar várias fontes de evidências ultrapassa em muito a necessidade que se tem em outras estratégias de pesquisa, como em experimentos, levantamentos ou pesquisas históricas.

Marcondes e Brisola (2014), assim como Gomes (2008), explicam que a triangulação funciona como uma ferramenta de construção de uma cadeia de evidências que levam à versão mais fiel de um fato, pois adota "[...] um comportamento reflexivo-conceitual e prático do objeto de estudo da pesquisa sob diferentes perspectivas, o que possibilita complementar, com riqueza de interpretações, a temática pesquisada, ao mesmo tempo em que possibilita que se aumente a consistência das conclusões." (MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 206)

Neste estudo, os dados obtidos durante a pesquisa de campo, a realização de entrevistas e a pesquisa e análise documental foram cruzados e analisados, a fim de alcançar a resposta que motivou a pesquisa, ou seja, como eram as práticas telejornalísticas na produção de conteúdo durante a vigência do sistema analógico na TV Fronteira (1994-1997).

RESULTADOS

Conforme a realização do levantamento bibliográfico e entrevistas, verificou-se que cada etapa da atividade jornalística – produção, reportagem, cinegrafia e edição – durante a vigência do sistema analógico da TV Fronteira tinha suas particularidades.

De acordo com Olga Curado (2002), o produtor é o profissional conhecido por ser o "centro das ideias", além de funcionar como ligação entre redação e reportagem. A produção tem a responsabilidade de planejar e organizar a pauta, material que conterá as informações do que será feito pelo repórter:

> A produção de uma reportagem de televisão em nada se assemelha às produções de matérias de jornal, revista ou de rádio. O produtor de telejornalismo, no pior entendimento da função, é a "babá" do repórter. Fica nas mãos da produção realizar as marcações - isto é, encontrar os entrevistados, fazer o levantamento das imagens, visualizar a matéria antes que a equipe vá para a rua. (CURADO, 2002, p. 45)

Tanto hoje quanto no período de produção de conteúdo no sistema analógico da TV Fronteira, a rotina jornalística consistia na apuração inicial, sugestão de pauta e reunião para que assim fosse firmada a marcação de entrevista. O telefone fixo da redação era o meio mais utilizado para pesquisa, porque não havia celular. "Discutíamos tudo que seria incluído nas edições diárias dos jornais e também as pautas que seriam marcadas para o dia seguinte. Os produtores tinham que trazer as sugestões de assuntos e depois marcar as entrevistas, conseguir as autorizações necessárias e escrever a pauta para o repórter."[1]

Na etapa de produção, foi possível constatar que a agenda do produtor era imprescindível na busca por contatos, pois com a ausência de tecnologia na procura de fontes, era um dos únicos documentos com informações sobre a fonte. A apuração, nesta etapa, majoritariamente, acontecia via telefone fixo e orelhões, já que na época não existiam telefones celulares. O telefone fixo foi a principal ferramenta na coleta de dados, visto que os computadores só começaram a chegar na TV

[1] Entrevista concedida por L. V., Editora de texto no SBT em São Paulo, via e-mail, em 18 set. 2018, às 11h20.

Fronteira entre 1996 e 1997, quando a transição do sistema analógico para o digital começou.[2]

As sugestões de pauta surgiam, muitas vezes, por pessoas que iam até a redação sugerir assuntos. Além disso, os produtores levantavam informações por meio de seleção de conteúdo noticioso de jornais, com o objetivo de embasar ainda mais as informações coletadas via telefone. Em média, eram produzidas quatro pautas por dia por cada produtor. Os profissionais da comunicação eram limitados em questão de ferramentas para coleta de informações, o que dificultava a localização de endereços das fontes.[3]

É possível sumarizar que a tecnologia influenciava de maneira direta o levantamento de dados no processo de produção de pauta.

A travessia dos sistemas televisivos trouxe inúmeras modificações para a rotina dos jornalistas, principalmente nas questões operacionais e técnicas. Na etapa de reportagem, por exemplo, o link feito pela equipe tinha a necessidade de vários equipamentos e, até mesmo, alguns dias para que as instalações fossem feitas e a transmissão ao vivo acontecesse com os equipamentos analógicos.[4]

O repórter é o líder de uma equipe de externa, que elabora reportagens, faz entrevistas, redação de texto, realiza cobertura de eventos e executa pautas. "O profissional dá o ritmo ao time, discute as necessidades do trabalho em campo, reúne as informações, faz as entrevistas e apronta o texto da reportagem. Tem treinamento jornalístico, compreensão do material que irá realizar e boa comunicação com a equipe." (CURADO, 2002, p. 46)

A reportagem é feita a partir de assuntos de caráter jornalístico, que são definidos pelos produtores. Os conteúdos se baseiam no testemunho de fontes que confirmam determinado fato. Cada produção conta com o trabalho de uma equipe de externa. A execução da pauta pela equipe de externa durante o sistema televisivo analógico tinha suas complicações pela dificuldade de comunicação com a redação. O rádio amador era uma das ferramentas usadas para contatar a produção na redação: "[...] você tinha um rádio dentro do carro, mas quando saía para algumas cidades da região, acabava que perdendo o contato pelo rádio. E eu ainda peguei uma época sem celular, você ia para o orelhão mesmo ou se ia em uma prefeitura emprestava um telefone e ligava para a redação. E então usava o orelhão mesmo.[5]

Conclui-se que, no período analógico de produção da notícia telejornalística, eram necessários mais equipamentos, sendo que os mesmos eram mais pesados e no momento das gravações de externa a equipe era formada por quatro profissionais, que exerciam cinco funções: repórter, repórter cinematográfico, operador de VT (já que as fitas para a gravação ficavam no videoteipe e não na câmera), iluminador (pois os equipamentos analógicos não tinham grande sensibilidade à luz) e o motorista (responsável por deslocar a equipe e os materiais usados nas reportagens).[6]

A função do repórter cinematográfico é captar imagens e fatos relevantes ao jornalismo.

> [...] o repórter cinematográfico, ele tem que estar alinhado com o repórter, [...] ele recebe a pauta da reportagem que vai ser feita. Se ele estiver no mundo da lua não vão ter o sincronismo e a reportagem vai ser um fiasco. [...] o cinegrafista tem que estar atento a isso se não ele não captou aquela cena necessária para dar esse enfoque que o repórter queria.[7]

A TV Fronteira, objeto de estudo deste trabalho, durante o período de 1994 a 1997, utilizou câmeras modelo U-Matic. Composta por mais de um profissional, a cinegrafia dependia também do operador de VT. Este profissional tinha como função manusear os equipamentos de gravação, além de revisar as fitas para verificar a qualidade da imagem e do áudio. (CURADO, 2002)

Na cinegrafia, o operador carregava o VT em uma bolsa com a fita para a gravação de

[2] Entrevista concedida por M. E. G. G., Assessora de Imprensa na Prefeitura de Presidente Prudente, em Presidente Prudente, em 14 dez. 2018, às 20h00.

[3] Entrevista concedida por M. H. A., Repórter Cinematográfico, em Presidente Prudente, em 12 dez. 2018, às 19h00.

[4] Entrevista concedida por R. P., Escritor de biografias e Jornalista aposentado em São Carlos, em Presidente Prudente, em 15 mar. 2019, às 16h00.

[5] Entrevista concedida por V. A. G., Responsável pelo Jornalismo do SBT e Assessora de Imprensa da Santa Casa, em Presidente Prudente, em 11 jan. 2019, às 09h00.

[6] Entrevista concedida por D. M., Assessor de imprensa no Terra Parque, em Presidente Prudente, em 17 dez. 2018, às 19h30.

[7] *Idem.*

[8] Entrevista concedida por C. A., Repórter Cinematográfico e Cerimonialista, em Presidente Prudente, em 10 dez. 2018, às 10h30.

imagens e captação de áudio. Os cinegrafistas produziam as imagens fazendo o enquadramento e o foco. A ação de clicar o botão para gravar era feita pelo operador de VT. A câmera era ligada no VT por um cabo de vídeo e o áudio gravado por um microfone que ficava com o operador. Na fase analógica da TV Fronteira, o VT chegada a pesar de oito a dez quilos, material que era carregado pelo operador.[8]

Os equipamentos usados durante a vigência do sistema analógico na TV Fronteira faziam com que as filmagens de matérias demandassem mais tempo para que fossem produzidas. Os motivos para a demanda de tempo eram: montar o material (VT e iluminação), o deslocamento dos equipamentos e equipe. Em média, eram produzidas três matérias por dia por equipe. Cada roteiro de gravação demorava de 30 a 45 minutos para ser executado.[9]

Depois de gravadas as reportagens, vem o processo de seleção do material a ser exibido. A edição é a etapa no jornalismo em que se prepara, separa, corta e define a distribuição do conteúdo a ser veiculado na televisão. A edição no telejornalismo analógico tinha três frentes de atuação: edição de texto, de imagens e de arte. O editor de texto é o profissional que tem por missão conferir o texto do repórter e fazer a edição da matéria junto com o editor de imagens, casando áudio e vídeo. Segundo Curado (2002, p. 52), essa função no Jornalismo, "avalia os dados da reportagem como um todo: imagens e informações e dá formato junto com o repórter ao texto final da matéria pré-gravada. Escreve o texto que é lido pelo locutor/apresentador ou propõe textos para o âncora do programa (apresentador/editor)."

A edição de texto no sistema analógico de produção da TV Fronteira não era ágil, pois havia a necessidade de dividir a montagem da matéria e a procura das imagens para a reportagem em dois VTs: "[...] era um processo mais lento, você tinha que pegar o material que vinha da rua, ir até a ilha de edição localizar onde estava a sonora e ouvir [...] E quando era preciso ver uma imagem sempre precisava da ajuda do editor de imagem, porque era o único que sabia mexer na máquina."[10]

Referente ao processo de edição não existiam recursos práticos na edição das reportagens televisivas. Durante a edição assistia-se na televisão o que era editado e em outro monitor eram analisadas as imagens brutas gravadas. Este modelo de edição era chamado de linear.[11]

DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir significados e representar a realidade são tarefas executadas pela mídia, capazes de interferir nas relações sociais. O conteúdo apresentado em suas mensagens pode colaborar e reforçar a identidade social e/ou cultural de uma região, a fim de conquistar público, marcar presença e obtenção de recursos financeiros. (FERNANDES, 2006)

A digitalização do sistema de produção do telejornalismo regional fez com que as emissoras se apropriassem de novos recursos técnicos. A edição das matérias passa a ser feita em máquinas digitais e as gravações realizadas por apenas dois profissionais: o repórter e o repórter cinematográfico. O ganho que a transição de sistemas trouxe foi a agilidade e qualidade do material final que é exibido aos telespectadores.

Os relatos dos profissionais da época entrevistados nesta pesquisa são uma ferramenta que colabora com a recuperação da história do telejornalismo analógico, assim como os processos de produção da notícia em meados dos anos 90. Seus depoimentos, bem como os materiais documentais analisados, contribuem para considerações importantes sobre o fazer jornalístico televisivo.

As inovações tecnológicas nas emissoras favorecem o novo cenário do telejornalismo regional, uma vez que a globalização da mídia foi o início das transformações das estações de televisão, em questão de infraestrutura e equipamentos. O processo de produção que exigia o iluminador, o videoteipe, uma equipe maior de profissionais e tempo, hoje, é feito com menos aparelhos e pessoas, tornando o trabalho mais ágil e instantâneo, inclusive fazendo uso de redes sociais.

No período analógico de produção da notícia telejornalística, eram necessários mais equipamentos, os mesmos eram mais pesados, com deficiências em termos de resolução e

[9] Entrevista concedida por D. M., Assessor de imprensa no Terra Parque, em Presidente Prudente, em 17 dez. 2018, às 19h30.

[10] Entrevista concedida por S. C. B., Editora-chefe da TV TEM em Sorocaba, via Skype, em 11 set. 2018, às 09h00.

[11] Entrevista concedida por J. C. L. S., Servidor Público na Câmara Municipal de Presidente Prudente, em Presidente Prudente, em 13 dez. 2018, às 08h30.

iluminação das imagens, e na execução de reportagem de externa eram cinco funções e quatro profissionais, enquanto que, hoje, o trabalho é desenvolvido em duplas.

Percebe-se que os avanços tecnológicos influenciaram de maneira direta o processo de produção da notícia telejornalística. As transformações técnicas mais expressivas se deram na edição de imagens, que, ao substituir a montagem linear pela não-linear, passou-se a ter mais dinamicidade e mais recursos na hora de editar.

No entanto, mesmo com as dificuldades tecnológicas e operacionais, a prática jornalística ocorria com produção diária e de abrangência regional. Os principais fatos eram acompanhados de perto pelas equipes de reportagem que, com dificuldade para se comunicar instantaneamente com a redação, eram pró-ativas e resolviam todos os conflitos no momento da cobertura jornalística. No momento da edição, em virtude das limitações dos equipamentos U-Matic, editores e operadores técnicos agiam de forma colaborativa e se mantinham em estado de alerta constante porque qualquer imprevisto poderia significar muitos prejuízos no momento de exibição do telejornal.

Pode-se concluir que a TV serve como instrumento de fixação da memória de um povo, pois registra fatos e histórias marcantes independentemente da tecnologia disponível. Diante disso, quanto mais a tecnologia evolui mais bem preparado tem de estar o jornalista para superar a dimensão técnica do fazer jornalístico e dedicar esforços no trabalho reflexivo.

Os fatos que ocorrem na região merecem boa cobertura, com profissionais capacitados e éticos, porque certamente todos esses registros arquivados configurar-se-ão como fontes históricas que nos ajudarão a compreender no futuro o que ocorreu no passado.

REFERÊNCIAS

CURADO, O. **A notícia na TV:** o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62-83.

FERNANDES, F. A. M. Televisão e Cidadania no Contexto Regional. *In*: SOUSA, C. M. (org.). **Televisão Regional, globalização e cidadania**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, A. A. Estudo de caso: planejamento e métodos. **Nuances:** estudos sobre educação. Presidente Prudente, v. 15, n. 16, p. 215–221, jan./dez. 2008 Disponível em: http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/187/257. Acesso em: 05 jan. 2019. https://doi.org/10.14572/nuances.v15i16.187

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas**. Univap,** São José dos Campos, v. 20, n. 35, jul., 2014. Disponível em: https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228. Acesso em: 17 nov. 2018. https://doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MOREIRA, S., V. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269-279.

SILVA, A. F. Identidade e representações no telejornalismo regional: o caso da TV Tem Bauru. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/55344018485796880947171640676292060129.pdf. Acesso em: 11 fev. 2018.

TV FRONTEIRA. **Confira a abrangência da TV Fronteira**. 2017. Disponível em: http://redeglobo.globo.com/sp/tvfronteira/noticia/2013/11/confira-abrangencia-da-tvfronteira.html. Acesso em: 25 abr. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

ZUCHINI, A. P. B. *et al*. **O Telejornalismo comunitário da TV Fronteira:** Análise de Casos. 2003. 120f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) — Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2003.